

## O QUE A PANDEMIA NOS TEM “ENSINADO” SOBRE A ESCOLA, SEUS SUJEITOS E A INCLUSÃO?

## WHAT HAS THE PANDEMIC “TAUGHT” US ABOUT THE SCHOOL, ITS SUBJECTS AND INCLUSION?

Lucas Carneiro Costa<sup>1</sup>  
Marina Cristina Rodrigues Pereira<sup>2</sup>  
Marcelo Diniz Monteiro de Barros<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente ensaio visa a analisar os conceitos apresentados no livro “A cruel Pedagogia do Vírus”, de Boaventura de Sousa Santos, discutindo sobre o que a pandemia de Covid-19 nos tem “ensinado” sobre a escola, seus sujeitos e a inclusão. Apesar do novo coronavírus atingir a todos, isso não faz necessariamente com que ocorra promoção de ações e políticas públicas que fomentem a igualdade. A pandemia jogou luz para diversos problemas que já existiam. Além de destacar estas questões, a pandemia também tem se mostrado um período particularmente difícil para certas classes e setores sociais (em todos os temas que discutimos a pandemia e suas consequências, encontramos este fenômeno: a desigualdade social e a inclusão).

**Palavras-chave:** Pandemia de Covid-19. Sujeitos escolares e Covid-19. Inclusão e Covid-19.

### ABSTRACT

This essay aims to analyze the concepts presented in the book “A cruel Pedagogia do Vírus” [The cruel Pedagogy of the Virus, *lit. transl.*], by Boaventura de Sousa Santos, discussing what the Covid-19 pandemic has “taught” us about the school, their subjects and inclusion. Despite the new coronavirus reaching everyone, it does not necessarily cause the promotion of public actions and policies that promote equality. The pandemic shed light on several problems we had. In addition to shedding light on these issues, the pandemic has also proved to be a particularly difficult period for certain classes and social sectors (in all the topics where we discuss the pandemic and its consequences, we find this phenomenon: social inequality and inclusion).

**Keywords:** Covid-19 pandemic. School subjects and Covid-19. Inclusion and Covid-19.

---

<sup>1</sup> Mestrado interrompido (2022) em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2020). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2959167370445358>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2376-4858> E-mail: [lucasccosta@live.com](mailto:lucasccosta@live.com)

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais e Bacharel em Química Industrial pela Universidade Federal de Ouro Preto. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3414573379750185>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2376-4858> E-mail: [marinacrp@hotmail.com](mailto:marinacrp@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutorado e Pós-Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz - Fundação Oswaldo Cruz. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde - Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz. Bolsista de Produtividade em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3426609037202095>, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4420-5406>. E-mail: [marcelodiniz@pucminas.br](mailto:marcelodiniz@pucminas.br)

## **Introdução**

Algumas pessoas afirmam que a pandemia do novo coronavírus é “democrática”, que atinge a todos independentemente de classe social, gênero, pensamento e raça. Mas não é bem assim. No começo da pandemia, até poderia ser uma verdade. Afinal, somente quem possuía condições de fazer uma viagem internacional tinha chance de se contaminar, já que o vírus ainda não havia chegado ao Brasil. Mas agora, devido à propagação massiva do vírus em território nacional, a realidade é diferente.

Talvez, no melhor dos cenários, buscando descrever o momento pandêmico pelo qual estamos passando e justificando esta suposta “democracia” do vírus, poderíamos dizer que o vírus “é democrático, mas não democratiza”. Apesar do novo coronavírus atingir a todos, isso não faz necessariamente com que ocorra promoção de ações e políticas públicas que fomentem a igualdade. Também, faz com que as pessoas que possuem condições de cumprir as exigências de saúde, como a prática do isolamento social, fiquem imunes, ao passo que pessoas de baixa renda, que não possuem condições de cumprir as exigências de saúde (ou não possuem acesso às condições sanitárias ideais) ficam mais sujeitas ao contágio (PERES *et al.*, 2021; HALLAL *et al.*, 2020).

A pandemia evidenciou diversos problemas que já tínhamos, mostrando que não podemos mais ignorar certos problemas sociais. Em tópicos, podemos citar:

1. *O fato de que não há como dependermos do mercado/setores econômicos, enquanto sociedade, para tudo.* Como Santos (2020) escreve: “à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e esse foi se sujeitando mais e mais à lógica do setor financeiro, o mundo tem vivido em permanente estado de crise”. É esta situação permanente de crise que não nos permite ter um estado eficiente na educação, na saúde e na segurança pública. Além da ineficiência, o fato de não termos um estado amplo não nos permite fornecer todos os serviços necessários;
2. *A nossa rotina.* A partir de toda essa experiência, como Santos (2020) pontua, de repente torna-se possível ficar em casa, voltar e ter tempo para ler um livro e passar mais tempo com os filhos. A ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo cai por terra;
3. *As notícias falsas passaram a ser constantes,* por mais que haja uma ação organizada para descaracterizá-las e desmistificá-las;

4. [E, por fim] *As pessoas invisíveis*. Lugares como os campos de refugiados imigrantes na Grécia, a fronteira sul dos Estados Unidos com o México, além das zonas de invisibilidade na América Latina, lançam a dúvida sobre o futuro dessas pessoas, se elas sobreviverão e como poderão combater o novo coronavírus, já que suas situações de vida estão em constante precarização.

A pandemia também tem se mostrado um período particularmente difícil para certas classes e setores sociais, conforme afirmam Santos *et al.*,

O distanciamento social ou o isolamento dos infectados não é uma medida possível para todos, como ocorre em muitas de nossas periferias, em que as moradias contêm uma única saída de ar e abrigam 4 ou mais pessoas, em pouco mais de 12m<sup>2</sup>. [...]. Neste cenário de desigualdades, de impactos diferenciados segundo grupos sociais, a redução do financiamento do sistema de saúde brasileiro somada à má administração do dinheiro público destinado à saúde, acaba gerando um total descompromisso com a vida da população. É essa política de desinvestimento, desinteresse e descompromisso que condiciona a vida e a morte, afetando diretamente os grupos mais vulnerados caracterizando, assim, a *mistanásia*<sup>4</sup> (SANTOS *et al.* 2020, p. 2).

A quarentena e a prática de isolamento social evidenciaram outros problemas, reforçando a falta de inclusão que ainda possuímos em nossas estruturas políticas, organizacionais, sociais e econômicas. Em tópicos, podemos citar:

- *As mulheres*. Cresce a violência doméstica e, devido ao machismo estabelecido estruturalmente em nossa sociedade, elas estão mais associadas a atividades que envolvem o cuidado. As mulheres nessa época, por exemplo, reduziram submissões de artigos acadêmicos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que as mulheres gastam quase o dobro de tempo em afazeres domésticos que os homens, predominância que não muda mesmo quando são comparados perfis de gênero em ocupações similares (CANDIDO; CAMPOS, 2020);
  - Em abril, quando o isolamento social imposto pela pandemia já durava mais de um mês, a quantidade de denúncias de violência contra a mulher recebidas no canal 180 deu um salto: cresceu quase

---

<sup>4</sup>“A Mistanásia, é o oposto da Eutanásia, sendo caracterizada pela bioética e biodireito brasileiro como modalidade de término de vida, a qual se concretiza quando um indivíduo vulnerável socialmente é acometido de uma morte precoce, miserável e evitável como consequência da violação de seu direito à saúde” (ARAÚJO FILHO; VARGAS, 2020).

40% em relação ao mesmo mês de 2019, segundo dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH). Em março, com a quarentena começando a partir da última semana do mês, o número de denúncias tinha avançado quase 18% e, em fevereiro, 13,5%, na mesma base de comparação. Mas, apesar do maior volume de denúncias, o aumento da violência doméstica ainda escapa das estatísticas dos órgãos de segurança pública. A razão, segundo reportagens, é que, isolada do convívio social, a vítima fica refém do agressor e impedida de fazer um boletim de ocorrência na delegacia. (IstoÉ, 2020).

- *Os trabalhadores de rua.* Tanto os comerciantes ambulantes (que estão proibidos de trabalhar e perderam suas fontes de renda) como os uberizados (que trabalham em situações precárias, em até 12 horas por dia com seus próprios recursos, enquanto não ganham suficiente e nem possuem garantias trabalhistas);
- *As pessoas em situação de rua.* Não possuem moradia, fonte de renda fixa ou condições sanitárias adequadas para se higienizar ou se proteger do vírus. E, se forem contaminados, não possuem acesso rápido à rede de saúde;
- *Os moradores da periferia.* Não veem o cuidado com a sua comunidade. Muitos estão distantes da rede de saúde. E em relação à sua vida particular e profissional, precisam se deslocar até o local de seu trabalho, geralmente nos centros das metrópoles, correndo o risco de contágio ao se deslocar através do transporte público;
- *Os internados em Campos de Refugiados.* Estes, aliás, já vivem em uma quarentena imposta há décadas. Nos campos de refugiados, as condições de higiene e saúde são precárias;
- *Os deficientes, especialmente os mais pobres.* Pessoas desses grupos precisam de cuidados especiais durante a pandemia e a sociedade não está pronta para atendê-los, não removendo as barreiras que os impedem de participar de forma integral e usufruir de tudo o que está disponível. São vítimas de um tipo de discriminação específica, que é o capacitismo;
- *Os idosos.* Primeiro, porque pertencem ao grupo de risco no qual a Covid-19 é mais letal. Segundo, porque a diferença entre ricos e pobres ainda

influencia a longevidade. Para a Organização Mundial da Saúde, segundo o Relatório Mundial da Saúde, “continua existindo uma grande divisão entre países ricos e países pobres: as pessoas nos países desenvolvidos têm mais possibilidades de longevidade do que as pessoas nos países menos desenvolvidos” (WHS, 2020);

- *E o meio ambiente.* Podemos dizer que a pandemia seja consequência da exploração sem limites dos recursos naturais.
  - Três aspectos importantes para ressaltar: (1) Segundo o Centro de Estudos Estratégicos da FIOCRUZ, as emissões de carbono diminuíram entre 5.5% e 5.7% durante a pandemia. Com isso, já é notada uma melhor qualidade do ar, principalmente nas grandes cidades. Também, o consumo de energia diminuiu significativamente, ocasionado principalmente pela queda na atividade industrial. Isto levanta uma pergunta importante, feita pelo autor do texto: será que a única maneira de evitar a cada vez mais iminente catástrofe ecológica é por via da destruição maciça de vida humana? (2) Porém, por mais que as emissões de carbono e o consumo de energia diminuam durante a pandemia, ainda existem outras ações que impactam negativamente no meio ambiente. Podemos citar aqui o aumento na geração de resíduos; e (3) particularmente no caso do Brasil, o meio ambiente está passando por uma situação caótica neste momento pandêmico. O ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles defendeu [durante a reunião ministerial do dia 22 de abril, divulgada por decisão do STF] “passar a boiada” e “mudar regras” enquanto a atenção da mídia está voltada para a Covid-19. Segundo ele, “seria hora de fazer uma baciada de mudanças nas regras ligadas à proteção ambiental e à área de agricultura e evitar críticas e processos na Justiça” (G1, 2020).

Em todos os temas em que discutimos a pandemia e suas consequências, encontramos este fenômeno: a desigualdade social e a inclusão. Tal fenômeno é determinante no debate sobre as consequências de tudo que está acontecendo atualmente.

Em relação à escola e a seus sujeitos, não poderia ser diferente. O momento pandêmico aponta as contradições existentes na educação, e reforça a necessidade de foco, atenção,

consistência e investimento – sendo um fator basilar ao crescimento econômico e inerente ao progresso do país em um amplo sentido.

### **A escola, seus sujeitos e a inclusão**

Os questionamentos aflorados pela atual situação não são cômodos, e as tentativas de excluí-los das pautas de discussão são, por vezes, tentadoras. Entretanto, refletir sobre a pandemia é fundamental neste momento. Pontuar, questionar, dialogar sobre os processos educacionais que prosseguem em continuidade às barreiras impostas pelo distanciamento social são ações bastante necessárias, visto o perfil díspar do ensino remoto que se intensificou no Brasil. Pinto e Oberg (2020), por exemplo, relatam que muitos alunos do campo e das comunidades rurais sequer sabiam os motivos pelos quais as aulas estavam sendo interrompidas. Ao mesmo tempo, é descrito que outros, nas cidades e ambientes urbanos, enquanto isso, passaram a adotar estratégias de sobrevivência (pois, independentemente de as aulas estarem interrompidas ou ocorrendo na modalidade de ensino remoto emergencial, muitos não tinham acesso à tecnologia ou a internet e precisavam trabalhar).

Primeiro, o papel do professor passa a não estar mais relacionado com a sua presença em sala de aula. Acostumamo-nos com este paradigma porque, antes da pandemia, a escola e seus processos funcionavam quase que integralmente no modo presencial, num ambiente designado. Mas o ofício de educar é uma tarefa que não está restrita somente ao ambiente escolar. Agora, a educação no mundo vive um momento atípico. Devido às recomendações das organizações de saúde, que orientam a prática do isolamento social, a “rotina” pedagógica mudou radicalmente. No Brasil, houve várias consequências imediatas para a educação. Como uma das primeiras consequências, em decorrência direta do isolamento social, podemos citar a paralisação das escolas. Não estão ocorrendo aulas presenciais e, de modo a não perder o ano letivo, algumas escolas estão adotando modelos alternativos de ensino, como o ensino remoto e o ensino à distância. Ruschel, Trevisan e Pereira (2020, p. 2) reforçam que,

A educação escolar, tradicionalmente oferecida na modalidade presencial, foi um dos primeiros serviços a sentir os efeitos da mudança. Depois de deliberações [...] as atividades foram suspensas por tempo indefinido, oferecendo novos desafios a todos os envolvidos, direta ou indiretamente. Dentro do grupo que se viu obrigado a se readaptar, contamos com os alunos, trabalhadores da educação, gestores públicos e instituições de ensino no geral, os professores e até as famílias [...]. Sem os meios tradicionais de ensino, sem os alunos dispostos em fila na sala de aula e sem o quadro negro, a escola e seus professores estão tendo que buscar novos meios para atender às demandas educacionais com seus alunos.

Por conta destas novas modalidades de ensino, alguns processos e discussões necessárias à educação (de forma geral) não acontecem. Socialização, expressão cultural, corpo e movimento, por exemplo, são *atividades* que ficam ausentes no processo de ensino remoto.

Assim, os estudantes acabam se envolvendo com o aspecto conteudista e imediatista da educação: atividades prontas, calendários rígidos, provas, além da ausência de recursos didáticos alternativos e debates. Por outro lado, certos processos “escolarizantes” passam a não existir mais, como o controle minucioso sobre o corpo do cidadão através dos exercícios de utilização do tempo, do espaço, do movimento, dos gestos e das atitudes. (FOUCAULT, 1987).

Mesmo assim, essa nova realidade da educação tanto permite o surgimento de outros processos de escolarização (e desconstrói certos mitos sobre a educação à distância e ensino remoto), quanto mantém alguns processos antigos (que parecem até inerentes, à primeira vista, à educação). A prática de ensino, em sua essência, continua a mesma: reduz-se a vigilância (o aluno tem que saber que é vigiado); as normas pedagógicas marcam os alunos como problemáticos e outros como normais; a escola divide os alunos em séries e isso salienta as diferenças; os que não aceitam a passagem hierárquica são punidos com exclusão; a escola se constitui num centro de discriminação; as punições escolares objetivam estigmatizar; é a estrutura escolar que legitima o poder de punir; o professor é visto como encarregado de uma missão divina, como líder e como chefe; o professor julga o aluno mediante nota; e o aluno, por sua vez, espera do professor certo tipo de comportamento, seu desprezo ou sua admiração; o poder do professor se manifesta por meio de provas ou exames, onde ele pretende avaliar o aluno; e a sua estrutura se assemelha com a estrutura da religião (TRAGTENBERG, 1985).

Antes da pandemia, muitos educadores alertavam para um perigo da “tecnologização” da educação. Isto é, a transformação da educação em um processo pronto e austero, para ser inserido dentro de recursos tecnológicos sem a devida análise crítica e visando somente o atendimento em massa. A consequência de tal processo é a “mercantilização” da educação, isto é, a transformação da educação em um produto de mercado, barato e comercial, sem o cuidado com a qualidade ou mesmo a preocupação com a sua eficiência de ensino e aprendizagem. Agora, este processo não só está acontecendo com alta velocidade, mas também está atingindo a educação básica (antes, este processo era restrito ao ensino superior).

Além da pedagogia e da atuação do pedagogo, várias instâncias escolares e educacionais passam a sofrer com a pandemia e suas consequências. Afinal, sabemos que a situação de isolamento social perdurará apenas por um tempo. Portanto, podemos dizer que haverá outras consequências para após o período de pandemia. Dentre essas consequências, após o retorno das aulas e o fim do isolamento social, podemos citar a necessidade de adaptação das escolas

para receber os alunos. De modo a evitar a contaminação pelo novo coronavírus com pessoas compartilhando o mesmo ambiente, é necessário seguir algumas recomendações, como manter distância e evitar contato físico, desinfecção do ambiente, uso de máscaras, luvas e outros protetores individuais. Muitas escolas enfrentam dificuldades para mudar a sua arquitetura e até mesmo para adquirir tais equipamentos.

Não há perspectivas de qual será o resultado para as escolas particulares, já que muitas não possuem estrutura financeira para fazer tais adaptações. Já as escolas públicas enfrentam uma situação parecida, uma vez que o poder público passa por uma crise econômica, tendo dificuldades em realocar recursos para a educação e a saúde. Obviamente, existem outras questões que também rondam o debate “educação e pandemia”, tais como: se os anos letivos de 2020 e 2021 estão comprometidos; se existem alternativas para mudar a estrutura do calendário escolar ou reduzir os dias letivos; e a produção de materiais escolares, tais como livros didáticos adaptados, inclusive com o objetivo de fazer com que a família do aluno acompanhe e faça parte do processo de ensino-aprendizagem.

### **3. Considerações finais**

O que a pandemia nos está “ensinando”, sobretudo, é a pensar nos outros, conforme os argumentos que foram apresentados. Também, [a pandemia] revela que existem alternativas ao nosso modelo de organização econômica e social, nos mostrando que o papel do estado é urgente. Também, ao mesmo tempo, nos mostra que precisamos aproximar a academia da sociedade e barrar o crescimento de uma extrema-direita populista e reacionária.

Precisamos obter uma consciência social mais ampla. A desigualdade social é um fator determinante para o debate tanto do futuro da educação quanto do futuro da sociedade no Brasil pós-pandemia. É devido à desigualdade social que: muitos alunos serão prejudicados com a paralisação das escolas; que muitas escolas serão fechadas ou sofrerão dificuldades para se adaptar à nova realidade; que o acesso à educação passa a ser questionado.

O ensino remoto, no período pandêmico, esboçou para muitos, que negligenciavam tais disparidades, a utópica visão da existência de uma igualdade educacional brasileira – ou então, a famosa conquista meritocrática que justifica o sucesso de cada um, a partir, apenas, do “seu esforço”. Ainda que tardio, de uma forma geral, este movimento é benéfico, no sentido de que revitaliza e evidencia uma pauta que deve permanecer e estar em constante debate. A realidade é que a maioria dos brasileiros não está preparada para manter aulas remotas. A razão é simples: segundo dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da

Informação, a população brasileira, de modo geral, ainda não tem acesso à internet (PINTO; OBERG, 2020).

Pensemos no processo educacional como um todo, que já era ineficiente e incansavelmente fraco. A busca pela manutenção da educação por vias remotas faz-se questionável, quando se pensa no sentido geral que o ensino educacional brasileiro, em especial em seu caráter público, vinha-se desmembrando. Alunos, que ficavam por dias sem aulas pela falta de professores, salas de aulas e materiais escolares, agora precisam transpor ainda mais barreiras. Isto é, há ainda mais fatores que impedem a execução das aulas.

A desigualdade social e de oportunidades marca o Brasil enquanto país. Em toda a nossa história (seja ela econômica, social ou política), o tema desigualdade é presente e um fator importante para determinar *quem é quem*. Portanto, a desigualdade social será um fator determinante para o debate do futuro da educação no Brasil pós-pandemia. No fim, todas essas consequências levantam a seguinte questão: se o Brasil não conseguir estabelecer um plano nacional de educação, ou implantar um novo sistema educacional, fazendo as reformas necessárias, haverá um retrocesso da educação e dos níveis educacionais? A desigualdade social, que já é grande, pode aumentar devido a esta grande diferença que será criada a partir da falta de acesso à educação e à renda? Seria esta [ensino remoto] uma nova modalidade de ensino? Ou será mais uma barreira que nos impedirá de chegarmos a ele?

O nosso trabalho, enquanto educadores, deve se orientar por: manter o debate e a discussão de ideias mesmo em ambientes virtuais; auxiliar cada aluno e cidadão, dentro de sua demanda; elaborar atividades que visem levantar críticas às ferramentas atuais da educação; e lutar contra os processos de marginalização.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO FILHO, G. D.; VARGAS, M. Mistanásia: A Morte Precoce, Miserável e Evitável Como Consequência da Violação do Direito à Saúde no Brasil. **Revista Âmbito Jurídico**, v. 195, p. 1-15, 2020.

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. **Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres**, Blog DADOS, 2020 [publicado em 14 de maio 2020]. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. tradução de Raquel Ramallete. Petropolis (RJ): Vozes, 1987. 288 p.

HALLAL, P. C. *et al.* SARS-CoV-2 antibody prevalence in Brazil: results from two successive nationwide serological household surveys. **The Lancet Global Health**, Londres, v. 8, n. 11, p. 1390-1398, nov. 2020.

MINISTRO do Meio Ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. G1, 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2021.

OS EFEITOS que já podemos ver da pandemia sobre o meio ambiente. CEE FIOCRUZ, 2020. Disponível em:

<https://cee.fiocruz.br/?q=node/1182#:~:text=Qualidade%20do%20ar,5%25%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202019>. Acesso em: 30 jan. 2021.

PERES, I. T. *et al.* **Sociodemographic factors associated with COVID-19 in-hospital mortality in Brazil**. Public Health, 2021.

PINTO, Bruna O. S; OBERG, Lurdes P. Educação a distância e pandemia: momento remoto de ensino ou educação colonizada? In: GUIMARÃES, Ludmila V. M.; CARRETEIRO, Teresa Cristina; NASCIUTTI, Jacyara R. **Janelas da Pandemia**. Belo Horizonte: Editora Instituto DH, 2020.

RUSCHEL, G. E. S.; TREVISAN, M. B.; PEREIRA, J. F. **Ensino Remoto no contexto de uma instituição privada**. Observatório Socioeconômico da COVID-19, UFSM. Santa Maria, RS, 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/10/Textos-para-Discussao-18-Ensino-Remoto-em-uma-instituicao-particular.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SANTOS *et al.* **Mistanásia hoje: pensando as desigualdades sociais e a pandemia COVID-19**. Observatório Covid-19, GT de Bioética, organizado na Fundação Oswaldo Cruz, 2020. Disponível em:

[https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/mistanasia\\_hoje\\_-\\_pensando\\_nas\\_desigualdades\\_sociais\\_e\\_a\\_pandemia\\_covid-19\\_doi\\_.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/mistanasia_hoje_-_pensando_nas_desigualdades_sociais_e_a_pandemia_covid-19_doi_.pdf). Acesso em: 29 jan. 2021.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina; 2020.

TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 7, n. 20, p. 40-45, jan./abr. 1985.

VIOLÊNCIA contra a mulher aumenta em meio à pandemia; denúncias ao 180 sobem 40%. **IstoÉ**, São Paulo, 01 jun. 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/violencia-contra-a-mulher-aumenta-em-meio-a-pandemia-denuncias-ao-180-sobem-40/>. Acesso em: 12 set. 2021.

WORLD Health Statistics. **World Health Organization**, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/data/gho/data/themes/topics/topic-details/GHO/world-health-statistics>. Acesso em: 31 jan. 2021.